

O DESENHO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA *CHILDREN'S DESIGN AND CHILD'S DEVELOPMENT*

*Patrícia Gabriela de Souza Fragoso
Claudia Pinheiro Nascimento
Fernando Rodrigo de Aquino*

RESUMO

O desenho infantil é muito importante para o desenvolvimento da criança, principalmente durante o processo de alfabetização. Neste contexto o presente trabalho faz uma análise teórica sobre a contribuição do desenho no desenvolvimento da criança no âmbito da Educação Infantil, evidenciando as fases do desenho infantil e demonstrando sua relação com o desenvolvimento da criança. Para tanto, a metodologia selecionada foi à pesquisa bibliográfica sobre os autores que abordam a temática trabalhada, destacando-se entre eles, Luquet, Lowenfeld e Brittain, Piaget e Vygotsky. Destaca-se que todos os estudos realizados apontam que o desenho na Educação Infantil desempenha um papel imprescindível no processo formativo e de desenvolvimento das crianças. Quando desenhavam, elas adquirem muitos aprendizados, uma vez que esse recurso se constitui como uma maneira de comunicar-se. Portanto, mesmo que os traços sejam a priori compreendidos apenas pelas crianças, elas estão expressando e demonstrando suas opiniões, suas individualidades, ou seja, seu jeito de pensar.

Palavras-Chave: Desenho Infantil, Desenvolvimento, Criança

ABSTRACT

Children's drawing is very important for the child's development, especially during the literacy process. In this context, the present work makes a theoretical analysis about the contribution of drawing in the development of the child in the scope of Early Childhood Education, showing the phases of child drawing and demonstrating its relationship with the child's development. For that, the selected methodology was the bibliographic research about the authors that approach the theme worked, standing out among them, Luquet, Lowenfeld and Brittain, Piaget and Vygotsky. It is noteworthy that all the studies carried out show that drawing in early childhood education plays an essential role in the formative and developmental process of children. When they draw, they acquire many learnings, since this resource is a way of communicating. Therefore, even if the traits are a priori understood only by children, they are expressing and demonstrating their opinions, their individualities, that is, their way of thinking.

Keywords: Child Drawing, Development, Child

1. Introdução

Segundo o Ministério da Educação e Cultura, a educação infantil constitui uma das modalidades da educação básica fundamental para o desenvolvimento da criança, pois é nessa etapa que se inicia o processo de apropriação do conhecimento pela criança por meio dos atos de educar, de cuidar e de brincar. As primeiras experiências que as crianças vivenciam no ambiente da educação infantil irão contribuir para seu desenvolvimento, tendo em vista que elas se encontram em pleno crescimento tanto no que diz respeito ao aspecto cognitivo como também ao emocional, ao afetivo, ao social e ao moral (BRASIL, 1998).

No Brasil, o surgimento da educação infantil se deu de forma gradativa, e somente a partir das décadas de 1970 a 1990 é que os estudos começaram a ser intensificados e a dar visibilidade e expansão para a educação da primeira infância (ROSEMBERG, 1999).

Segundo Brasil (1998), na década de 90, após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, o MEC (Ministério da Educação e Cultura) apresentou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Tal documento sugere que as novas atribuições desse nível de ensino devem estar articuladas a padrões de qualidade, considerando as crianças em diversos contextos, como, por exemplo, sociais, ambientais e culturais. Além disso, orienta que, na rotina das instituições, devem estar presentes as brincadeiras, as rodas de conversas e as histórias, bem como os ateliês ou as oficinas de desenhos, de pinturas, dentre outras.

Entretanto, é por meio das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNs) que são traçados os princípios éticos, políticos e estéticos que devem nortear as propostas pedagógicas nas instituições infantis, levando em consideração as concepções de criança, de infância e de currículo. Dentre esses princípios, destacamos o estético, que enfatiza a importância de se desenvolver atividades que despertem a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade, assim como a liberdade de se expressar em diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2009).

Sendo assim, pode-se perceber o quanto o desenho se faz presente nesse momento de socialização, de aprendizagens. Os traços que as crianças fazem no papel, geralmente, não tem sentido algum para os adultos, mas essas garatujas são bastante importantes para o desenvolvimento dessas crianças, por isso elas devem ser encorajadas e incentivadas.

Para Sousa (2003), o desenho infantil é uma atividade expressiva, sendo considerada a forma mais simples e natural de expressão plástica da criança. Cada criança expressa-se através da sua própria linguagem simbólica, tendo em conta a sua personalidade, única e pessoal. O desenho é uma atividade que reflete e estimula o desenvolvimento da criança.

Autores Moreira (1984), Salvador (1988) e Sousa (2003), ressaltam que o desenho é para a criança uma forma de brincar, quando brinca a criança não se preocupa com a perfeição da sua técnica, porém expressa todo o seu ser, incluindo o que vai no seu inconsciente. O desenho é por isso uma função do desenvolvimento das suas capacidades neuromotoras, cognitivas, emocionais, sentimentais e socioculturais.

O desenho infantil é uma atividade expressiva, sendo considerada a forma mais simples e natural de expressão plástica da criança. Cada criança expressa-se através da sua própria linguagem simbólica, tendo em conta a sua personalidade, única e pessoal. No entanto o desenho ainda é visto pela sociedade, em geral, como uma atividade que apenas serve para entreter a criança, não recebendo em algumas instituições de educação seu devido valor na formação e no desenvolvimento motor, social, emocional, cognitivo e linguístico da criança (Sousa,2003).

Para compreender melhor o seu desenvolvimento, vários autores, dedicaram-se a estudar o desenho infantil, reconhecendo a existência de diferentes etapas/fases no desenvolvimento do mesmo, que se tornam comuns a todas as crianças, de entre estes autores salienta-se os trabalhos desenvolvidos por: Maureen Cox, Piaget e Vygotsky dentre diversos outros.

Dada a importância atribuída ao tema, é objetivo geral deste trabalho, analisar de forma teórica o desenho infantil e as várias formas de expressão gráfica no processo de desenvolvimento cognitivo e lúdico da criança em seus primeiros anos escolares. Tendo os seguintes específicos

- Conceituar o desenho infantil;
- Identificar as várias formas de expressão gráfica da criança;
- Compreender o desenvolvimento da criança por intermédio do desenho em uma abordagem teórica.

2. Conceituando Desenho Infantil

O desenho é uma das mais antigas manifestações expressivas que o ser humano conhece. As pinturas rupestres deixadas pelos homens da idade paleolítica e neolítica são exemplos das suas qualidades expressivas. As crianças e os homens desse período têm em comum o facto de não se preocuparem com a perfeição da sua técnica, mas sim, com a sua representação expressiva.

Dessa maneira teoriza-se que a criança desenha, certamente há muitos séculos, utilizando-se de diversos recursos tais como, papéis, paredes, lousas, entre outros objetos. Greig (2004, p 11) salienta que, mal começa a andar, a criança apodera-se do lápis ou de qualquer objeto parecido para expressar suas ideias e sentimentos. O desenho então é para a criança uma forma de expressão, onde exprime as suas paixões, temores, afetos, entre outros, estados sentimentais e emocionais (SOUSA, 2003).

Segundo Amorin & Claro (2017, p 888), nas últimas décadas o desenho infantil tem se tornado um tema de investigação de diversos pesquisadores, sendo que no final do século XX o interesse por este tema começou a ser despertado por parte dos teóricos em diversas áreas do conhecimento. O desenho é uma forma de a criança comunicar e expressar seus sentimentos, tendo em vista ainda não poder expô-los pela linguagem oral e escrita.

De acordo com Mèredieu (2006, p. 2), os estudos sobre o desenho foram se ampliando e as áreas que se beneficiaram com essa expansão foram a Psicologia, a Pedagogia, a Sociologia e a Estética. A partir de então, essas concepções tiveram uma grande mudança por causa da maneira que os desenhos infantis eram encarados, como “malogros” ou “fracassos”, já que eram tidos como uma mera fase

de preparação para a arte adulta. O aparecimento do que se chama arte infantil foi condicionado pela evolução das técnicas gráficas e plásticas e pela difusão cada vez maior do papel e do lápis, ocasionada pela baixa do custo de fabricação desses produtos” (MÈREDIEU, 2006, p. 4).

Segundo Piaget (1978), a expressão gráfica é a exteriorização da personalidade, realiza-se através do jogo simbólico, satisfazendo os desejos e as necessidades subjetivas de cada indivíduo, sendo assim, se a criança expressa-se pelo prazer e pela necessidade que tem de se expressar, sem se preocupar com os juízos técnicos e estéticos. A expressão tende a variar de pessoa para pessoa, pois o contexto social, cultural e educativo também é diferente (SOUSA, 2003).

Por esta razão, quando a criança realiza um desenho, o conteúdo simbólico que representa, depende diretamente das motivações da mesma e da sua ação cognitiva, no momento em que o executa. O que conseqüentemente implica, que a sua expressão e o seu conteúdo simbólico que varia de criança para criança não permite interpretações dos seus desenhos, até porque a criança muda várias vezes de simbolização para expressar as mesmas emoções.

Para se interpretar o desenho da criança, deve-se dedicar-lhe tempo, prestando atenção ao modo como o descreve e realiza os movimentos, sem que tenhamos de interferir, questionando sobre o que está a desenhar. A interpretação serve para compreender a criança e não o seu desenho, só assim pode-se mensurar o qual se desenvolve a criança por meio desta técnica de ensino (SOUSA, 2003).

Para Sousa (2003), um dos principais erros cometidos pelos adultos é tentar ensinar a criança a desenhar, tentando demonstrar à criança o que espera que ela desenhe.

A criatividade, a motivação, a autoestima e a autonomia, são fatores que não podemos descorar na prática educativa e que passaremos a descrever e a relacionar de forma breve. Segundo Colaço (2003), a criatividade deve ser entendida como uma característica própria, pertencendo a cada indivíduo, manifestando-se com diferentes intensidades, logo, a criatividade é uma capacidade, permitindo produzir novas ideias adequadas a cada contexto. Daí ser necessário estimular a criatividade da criança para que ela possa desabrochar e evoluir.

2.2 O desenho como meio de desenvolvimento da criança

O desenho é indispensável para o desenvolvimento da criança, pois ela projeta no papel o seu esquema corporal, representando seus impulsos, seus desejos, suas emoções e seus sentimentos. Cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético e até a evolução social da criança, como indivíduo (BRITAIN & LOWENFELD, 1977, p. 35).

O trabalho das crianças contém uma verdadeira profundidade de sentimentos e de emoções tendo em vista que, na medida em que elas vão crescendo e se desenvolvendo, os desenhos ficam abertamente visíveis para elas e esses rascunhos podem, sim, colaborar com o desenvolvimento emocional.

Lavelberg (2013, p. 35) afirma que, as crianças da educação infantil agem com entusiasmo ao desenhar, experimentam movimentos e matérias oferecidos sem medo, fazendo-os variar por intermédio de suas ações. Diante disso, para o autor, a

criança trabalha de modo concentrado em seu desenho, pois, desde cedo, a cultura já se faz presente no meio social. A partir disso, essas crianças vão construindo suas ideias sobre o que é o desenho e para que serve a ação de desenhar.

Geralmente, na fase infantil, a criança projeta no desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel” (DERDYK, 1989, p. 51). Dessa forma, a criança, por meio de seus desenhos, exhibe indícios de sua realidade, trazendo à tona desejos interiores, emoções e sentimentos vividos por ela. Muitas delas expressam algo voltado para as experiências e as vivências do seu mundo. Por isso, o professor deve sempre incentivá-las a desenhar por meio de desafios que despertem sua curiosidade.

Dentre deste contexto, da mesma forma que a criatividade, a motivação é igualmente um fator importante no desenvolvimento das crianças. Campos (2016), afirma que não existe uma definição específica do conceito de motivação, porém é indiscutível que esta atitude, vinda principalmente do educador estimula o indivíduo a alcançar um determinado comportamento, perante um problema ou situação proposto. Por esta razão, o autor considera que a motivação é importante para obter sucesso escolar do indivíduo, principalmente na fase da educação infantil.

Cox (2012), considera que a motivação é importante para o desenvolvimento gráfico e expressivo das crianças. Salientando algumas estratégias que o educador deverá utilizar para motivar as crianças a desenharem. Deste modo, a autora ressaltou que o educador deve: procurar estimular a imaginação das crianças; escolher temas que motivem todas as crianças do grupo a desenharem, dando-lhes liberdade, para desenharem de acordo com o seu ato criador. Ressaltou ainda que, o educador não deve: impor qualquer critério estético ao desenho da criança; criticar a criança e o seu trabalho; sugerir um modelo para as crianças desenharem.

Um dos fatores que também influencia o desenvolvimento da criança é a autoestima. A autoestima pode definir-se como o conceito que temos de nós próprios, envolvendo todos os nossos sentimentos, pensamentos, atitudes e experiências que vamos recolhendo ao longo da nossa vida (Pereira, 2016). Logo, autoestima é um conjunto de avaliações, experiências e impressões que são interdependentes umas das outras, contribuindo para a formação de sentimentos positivos e negativos sobre nós próprios. Desta forma, a autoestima é uma apreciação pessoal, desenvolvendo-se ao longo da vida, onde as situações passadas e presentes interferem na avaliação que o indivíduo faz às suas competências e ao seu próprio valor.

As crianças com alta autoestima confiam nas suas ideias, têm iniciativa, demonstram confiança face aos desafios, são curiosas, gostam de explorar e questionar coisas novas, demonstram orgulho nas suas produções e descrevem-se de modo positivo. Adaptam-se ainda a mudanças, tolerando frustrações, demonstrando persistência, sendo capazes de lidar com críticas. No caso das crianças com baixa autoestima, estas manifestam, embora pela negativa, os mesmos comportamentos das crianças com alta autoestima. Algumas crianças com baixa autoestima têm a particularidade de não participarem em atividades, limitam-se a observar e tendem a desistir facilmente e a colocarem-se de parte. Não conseguem adaptar-se a mudanças, frustram-se com facilidade, acabando por desistir, tendem a ter comportamentos imaturos e inadequados a situações inesperadas e stressantes (PEREIRA, 2016).

Em síntese, a criatividade, a autoestima, a autonomia e a motivação contribuem para o desenvolvimento da criança. Nesta perspectiva, considera-se que a melhor opção para ajudar a criança a desenhar e se desenvolver por esse meio, é dispensar-lhe atenção, dando-lhe motivação e ajudando-a a relembrar conhecimentos e vivências que poderá transpor para o papel.

Cabe ao educador então estimular o desenvolvimento global da criança, respeitando as características individuais da mesma, promovendo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas, estimulando a curiosidade e o desejo de aprender da criança (BRASIL, 2009).

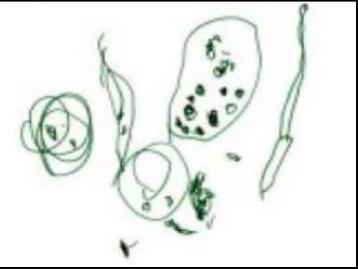
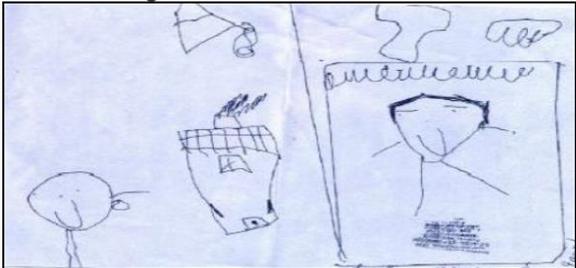
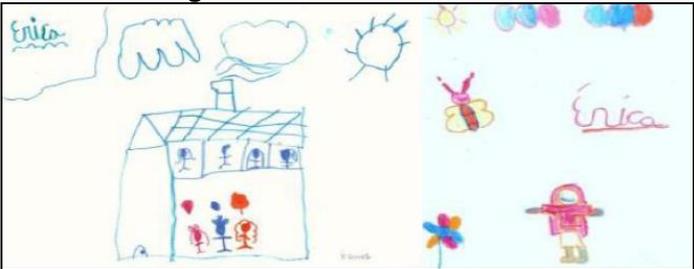
2.3 Etapas do processo de desenvolvimento gráfico das crianças

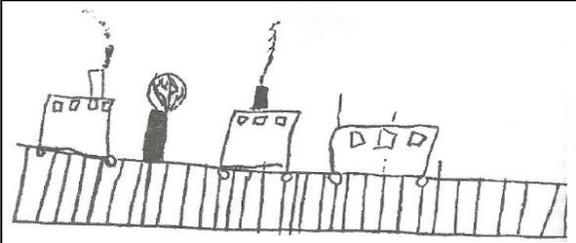
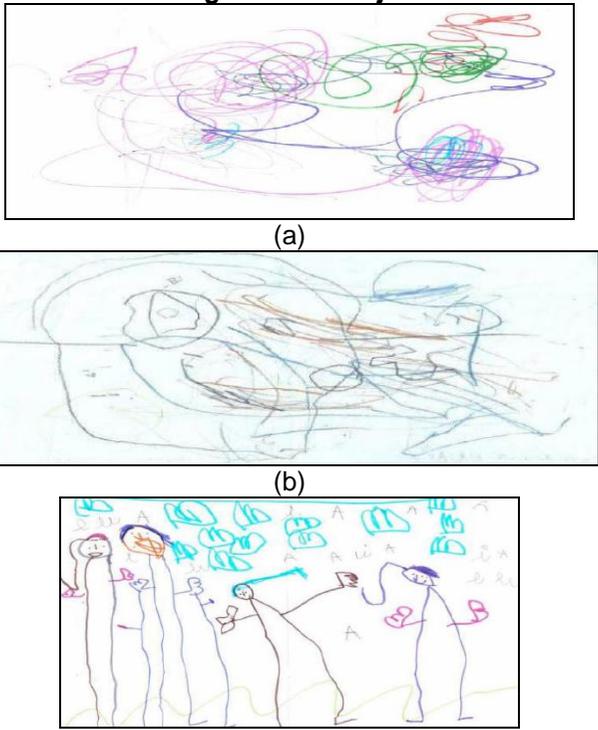
Os primeiros estudos sobre a produção gráfica das crianças datam no final do século XX e estão fundados nas concepções psicológicas e estéticas. Nessa época, as crianças eram vistas como adultos em miniatura e apresentavam fracassos nas intervenções que tinham como objetivo preparar um futuro artista. A partir do momento em que se descobre a originalidade da infância que perpassou pela descoberta da ação da criança e da evolução a padrões reconhecíveis e depois interpretáveis, passa-se a reconhecer um novo sentido às produções infantis (PEREIRA, 2016).

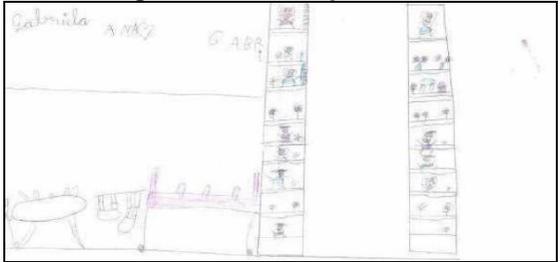
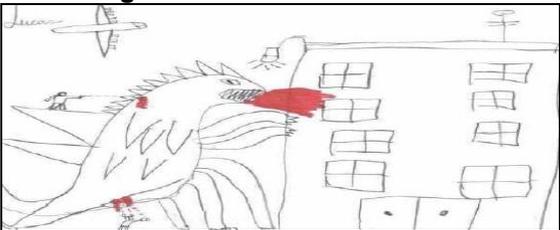
Segundo Sousa (2003), os desenhos de uma criança são o reflexo do seu desenvolvimento geral e não uma evolução baseada em técnicas de desenho. Nesta perspectiva, não é o desenho que se desenvolve, mas sim a criança. Para compreender melhor o seu desenvolvimento, vários autores, de diferentes épocas, dedicaram-se a estudar o desenho infantil, reconhecendo a existência de diferentes etapas/fases no desenvolvimento do desenho, que se tornam comuns a todas as crianças. Apesar de já ter sido mencionado é importante referir que as faixas etárias são flexíveis. Entre esses autores destacam-se: Luquet, Lowenfeld e Brittain, Piaget e Vygotsky.

O Quadro 1, a seguir apresenta um comparativo entre as fases descritas por cada um dos autores citados acima, enfatizando suas principais características exemplificando os tipos de desenhos relacionados a respectiva fase.

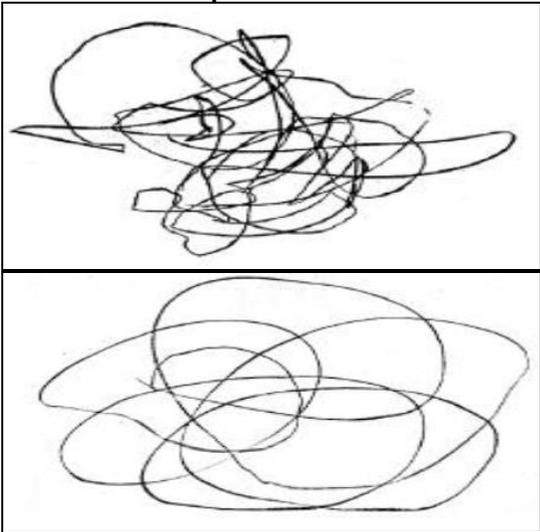
Quadro 1 Comparativo entre as fases do desenho infantil

Autor	Fases	Características	Exemplos
Georges Henri Luquet	primeiro estágio, realismo fortuito	Para Luquet o primeiro estágio, realismo fortuito (Figura 1) é dividido em duas etapas: o desenho involuntário (linhas e traços espontâneos ainda sem a intenção de representar a imagem de um objeto, mas sim de fazer movimentos com a mão) e o desenho voluntário (desenha inicialmente sem intenção de representar algo, mas depois interpreta seus traços atribuindo-lhes algum significado ou nome)	<p>Figura 1 Realismo Fortuito</p>  <p>Fonte: (ALEXANDROFF, 2010, p. 6)</p>
	segundo estágio, realismo falhado	No estágio do realismo falhado (Figura 2), a criança tenta ser realista ao desenhar determinado objeto, porém não consegue limitar seus movimentos gráficos exagerando nas dimensões em qualquer parte do mesmo (LUQUET, 2017, p.159).	<p>Figura 2 Realismo Falhado</p>  <p>Fonte: (ALEXANDROFF, 2010, p. 6)</p>
	terceiro estágio, realismo intelectual	No terceiro estágio, realismo intelectual (Figura 3), a criança consegue superar suas limitações e fazer um desenho realista, representando fielmente o que vê e também manifesta em seus desenhos “não só os elementos concretos invisíveis, mas mesmo os elementos abstratos que só tem existência no espírito do desenhador” (LUQUET, 2017, p.160). A criança desenha com base na concepção que tem sobre o objeto naquele momento sem se preocupar com a estrutura visual.	<p>Figura 3 Realismo Intelectual</p>  <p>Fonte: (ALEXANDROFF, 2010, p. 7)</p>

	quarto estágio, realismo visual	<p>O último estágio, realismo visual (Figura 4), é o período no qual o desenho infantil assume características do desenho adulto, já que a criança passa a se preocupar em representar os detalhes e elementos do objeto que vai desenhar (LUQUET, 2017, p.161).</p>	<p>Figura 4 Realismo Visual (MÉREDIEU, 2006, p. 24)</p>  <p>Fonte: (MÉREDIEU, 2006, p. 24)</p>
Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain	estágio da garatuja	<p>O estágio das garatujas, proposto por Viktor Lowenfeld e Brittain (1977, p), dura aproximadamente dos dois aos quatro anos (fase sensório motora e parte da fase pré-operacional de Piaget). Nele a criança constrói seus primeiros rabiscos espontâneos e traços desordenados ainda desprovidos de controle motor. Ignora os limites do papel e mexe todo o corpo para desenhar, avançando os traçados pelas paredes e chão. Aos poucos essas garatujas vão ficando mais ordenadas e controladas pela coordenação motora da criança. A criança ainda não tem intenção de representar algo, mas sente prazer na execução dos gestos e movimentos. A figura humana é inexistente ou pode aparecer de maneira imaginária. A cor tem um papel secundário, aparecendo o interesse pelo contraste, mas não há intenção consciente. As primeiras garatujas são linhas longitudinais que, com o tempo, vão se tornando circulares e, por fim, se fecham em formas independentes. Para Viktor Lowenfeld e Brittain (1977) essas garatujas podem ser subdivididas em:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Garatujas desordenadas: atitude motora que utiliza o braço (Figura 5a); • Garatujas ordenadas: ocupa todo o espaço do papel, diverte-se com os efeitos. É a fase da evolução motora (Figura 5b); • Ordenadas com atribuição de formas reconhecíveis (Figura 5c). 	<p>Figura 5 Garatuja</p>  <p>(a)</p> <p>(b)</p> <p>(c)</p> <p>Fonte: (SOUZA, 2010, p. 20 a 22)</p>

estágio pré esquemático	<p>O estágio pré-esquemático (Figura 6) surge em seguida, aproximadamente dos quatro aos sete anos (fase pré-operacional de Piaget), e para Viktor Lowenfeld e Brittain (1977, p 54) a criança nesse estágio, faz a representação típica de um homem apenas com a cabeça e pés e começa desenhando uma quantidade de outros objetos do seu meio, com os quais teve contato. Essas figuras ou estes objetos aparecem colocados de um modo um tanto desordenado no papel e podem variar consideravelmente, de tamanho.</p>	<p>Figura 6 Fase Pré-Esquemática</p>  <p>Fonte: (SOUZA, 2010, p. 23)</p>
estágio esquemático	<p>O estágio, esquemático (Figura 7), começa por volta dos sete anos e vai até os nove (fase operatória concreta de Piaget), caracteriza-se por diferentes formas utilizadas pela criança para desenhar uma figura o que torna seus desenhos mais estruturados e com maiores detalhes. Nesse estágio a criança desenvolve o conceito definido da forma. Seus desenhos simbolizam parte do seu meio, de um modo descritivo; habitualmente, ela repete uma e outra vez o esquema que criou para representar um homem. (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p.55).</p>	<p>Figura 7 Fase Esquemática</p>  <p>Fonte: (SOUZA, 2010, p. 25)</p>
estágio do realismo nascente	<p>O último estágio proposto por Viktor Lowenfeld e Brittain (1977), o realismo nascente (Figura 8), começa aos nove e dura até os doze anos de idade (final da fase operatória concreta de Piaget). Nesse momento a criança desenha de forma ordenada e com minuciosos detalhes deixando de lado os desenhos grandes e livres. A criança passa a ter maior consciência do mundo a sua volta, compreendendo-o e interpretando-o de seu modo e isso se reflete em seus desenhos.</p>	<p>Figura 8 Realismos Nascente</p>  <p>Fonte: (SOUZA, 2010, p. 25)</p>

Lev Semyonovi tvh Vygotsky	esquema	desenhos esquemáticos do objeto, muito distantes da sua representação real, narrações gráficas. São os chamados cabeça-pernas, ou seja, seres esquemáticos desenhados pela criança no lugar da figura humana. Nesta fase as crianças não desenham tendo em conta o objeto real, mas desenham os objetos de memória, sem se preocuparem em representá-los com fidelidade.	-----
	representação esquemático-formalista	estágio do surgimento do sentimento da forma e da linha. Nesta fase a criança desperta, aos poucos, a necessidade não apenas de enumerar aspectos concretos do objeto, mas também de transmitir as inter-relações formais das partes. Destaca-se que nesta fase notasse o aparecimento de um número bem maior de detalhes, misturando-se os aspectos de esquemas com uma aproximação com a realidade.	-----
	desenho realista	nesta fase, o esquema desaparece por completo e o objeto é apresentado de forma mais verossímil, o desenho tem aparência de silhueta. Neste momento do desenvolvimento, Vigotski enfatiza a importância do incentivo da educação para que a criança continue desenhando.	-----
	estágio final	nesse último estágio destaca-se o início de uma representação mais plástica da percepção do objeto em todos os seus aspectos. O desenho fica mais incrementado com aspectos de perspectiva e profundidade e uso de luz e sombra, que dá a ideia de volume, começa a aparecer. Segundo o autor nesse estágio existe uma consciência maior do sexo, existem de forma geral, uma acentuação das roupas diferenciando os sexos. Nos desenhos da figura humana aparece o abandono das linhas, surgindo formas geométricas e maior rigidez e formalismo. Os desenhos tornam-se expressivos, não só contam histórias bem como refletem sua realidade.	-----

<p>Jean Piaget</p>	<p>garatuja desordenada e garatuja ordenada</p>	<p>Nesta fase, Piaget (1976, p), apresenta que a criança em seu primeiro período de vida, desenha por extremo prazer e para o autor a figura humana ainda não tem valor, ou seja, ela é inexistente, as cores também ficam em um papel secundário não tendo interesse pelo mesmo, apenas pelo contraste. Com referência a esta fase, também tem a Garatuja Desordenada como o próprio nome diz, nos remete às características de movimentos amplos e desordenados, não havendo nenhuma preocupação com o desenho em si, pois a criança desenha várias vezes no mesmo local, não se preocupando com o que já foi desenhado anteriormente. A Garatuja Ordenada caracteriza-se por movimentos mais distantes e circulares, apesar de conseguir desenhar caracóis. Seu limite não ultrapassa as margens da folha mesmo tentando utilizar todo espaço possível, neste estágio ela não se preocupa com a posição, tamanhos ou ordens em que cada desenho está localizado e sim pelas formas. Com relação à figura humana não se tem uma formação concreta, apenas imaginária, ela desenha o que pensa ou acha sobre determinado objeto, não havendo uma relação fixa entre este e sua representação, por isso antes mesmo de terminar seu desenho, o seu traçado pode se transformar em diversas coisas, como por exemplo, um risco pode ser uma árvore ou antes de terminar pode ser um cachorro correndo.</p>	<p>Figura 9 Garatuja Ordenada e Desordenada - Respectivamente</p>  <p>Fonte: (LOPES, 2001, p. 41)</p>
	<p>pré-esquematismo</p>	<p>A segunda fase destacada por Piaget (1976, p), é a Pré-Esquematismo, que por sua vez faz relações entre desenho, pensamento e realidade (Figura 10). Esta descoberta para a criança parte de suas emoções, onde seus traçados ou cores não têm relação com características reais, apenas utilizam da sua imaginação para desenharem e estes elementos finais são dispersos que não se relacionam entre si. Neste mesmo estágio surge o homem girino, que apresenta vários tentáculos em seu corpo, estágio este que é defendido também por Berson (1966), que em seu Estágio Comunicativo além de quererem imitar a escrita de um adulto, a criança também é levada a desenharem pelo prazer de ter a capacidade de levantar e abaixar o lápis, conseguindo desta forma traços mais ricos e o surgimento do boneco girino ou da irradiação.</p>	<p>Figura 10 Fase Pré-Esquemática</p>  <p>Fonte: (LOPES, 2001, p. 42)</p>

<p>esquematismo</p>	<p>A terceira fase conhecida como Esquematismo, caracteriza-se pelos esquemas representativos que se inicia na construção de novas formas que por ela eram isentas. A cada categoria de objetos a criança cria uma forma diferente de expressão e entendimento.</p> <p>Exemplo: categoria, pássaro, forma, letra V. Ainda neste estágio elas percebem o uso da linha do caderno como base, facilitando sua escrita e também seus traçados e descobrem a relação cor-objeto, característica que era desconhecida na fase anterior, pois partiam de suas emoções e não da realidade.</p> <p>Por outro lado, a figura humana mesmo tendo um conceito formado sobre ela, ainda constitui perceptíveis desvios de esquema, como: exagero, negligência, omissão ou mudança de símbolo, aparecendo desta maneira fenômenos como a transparência e o rebatimento (Figura 11).</p>	<p style="text-align: center;">Figura 11 Fase Esquemática</p>  <p style="text-align: center;">Fonte: (LOPES, 2001, p. 43)</p>
<p>realismo</p>	<p>Piaget (1976, p) destaca na quarta fase o Realismo, final das operações concretas, que por sua vez aparecem a consciência do sexo e a autocrítica pronunciada, para isto as crianças fazem uma diferenciação no que se trata do primeiro conceito, elas colocam uma acentuação nas roupas dos seus personagens para diferenciarem os sexos, mas sua consciência consegue perceber as diferentes características, ou seja, o que é para menino e o que é para menina (Figura 12).</p> <p>No plano da evolução, as crianças abandonam a linha de base que é encontrada na fase do Esquematismo e aderem às formas geométricas, na qual aparecem com maior rigidez e formalismo.</p> <p>Tem-se também a descoberta do plano e a superposição, que nada mais é, que a colocação de objetos sobre sua visão, como realmente é encontrado na realidade. Exemplo:</p>	<p style="text-align: center;">Figura 12 Realismo</p>  <p style="text-align: center;">Fonte: (LOPES, 2001, p. 44)</p>

	pseudo naturalismo	<p>Última fase do desenho infantil de Piaget (1976, p) é a fase do Pseudo Naturalismo, que põe fim da arte como atividade espontânea e inicia-se uma investigação de sua própria personalidade, tem como características o realismo, a objetividade, a profundidade, o espaço subjetivo e também o uso consciente da cor em seus traçados (Figura 13).</p> <p>Ao contrário da fase anterior, a figura humana aparece com características sexuais exageradas, presença de articulações e proporções.</p> <p>A fase Pseudo Naturalismo, tem uma riqueza em detalhes, na qual a criança está sendo bem clara o que nos quer dizer. O seu desenho nos mostra que o menino está sentado em uma cadeira com suas pernas cruzadas e ao fundo notase a continuidade do chão e as janelas com uma dimensão enriquecida. Vemos que os tons do preto se diversificam apresentando os efeitos de claridade, combinações de tons claros e escuros sem os efeitos da luz e sombra. Esta fase acontece nas operações abstratas que é dos 10 anos de idade em diante.</p>	<p style="text-align: center;">Figura 13 Pseudo Naturalismo</p>  <p style="text-align: center;">Fonte: (LOPES, 2001, p. 44)</p>
--	--------------------	---	---

Analisando as fases do desenvolvimento gráfico das crianças segundo os diversos autores citados no quadro acima, verifica-se que, o desenho contribui para o desenvolvimento pleno das crianças, sendo possível reconhecer algumas características que são comuns à maioria das crianças, nas várias fases de desenvolvimento. No entanto, Segundo Pereira (2016) é preciso destacar que nem todas as crianças da mesma faixa etária têm as mesmas características e capacidades e, por isso, não devem ser comparadas nem avaliadas com base nos mesmos critérios.

Vale ressaltar também que não se deve generalizar as interpretações, posto que a interpretação de um desenho isolada do contexto em que foi elaborado não faz sentido. Segundo Viktor Lowenfeld e Brittain (1977), cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético e até a evolução social da criança, como indivíduo, posto em um determinado contexto, social e cultural.

4. Considerações finais

O presente trabalho possibilitou um melhor entendimento a respeito do desenho infantil evidenciando sua importância e contribuição no processo de desenvolvimento da criança. Destaca-se que para os educadores, ele é de suma importância no que diz respeito a compreensão das fases do desenvolvimento infantil. O desenho marca o desenvolvimento da infância, pois, em cada estágio que a criança vivencia, ela vai expressando seus medos, suas tristezas e suas alegrias e vai desvelando sua subjetividade, pois ela projeta no papel o seu esquema corporal, representando seus impulsos, seus desejos, suas emoções e seus sentimentos.

A criança, ao desenhar, vai adquirindo muitas aprendizagens, deixando sua marca registrada no papel, uma vez que, antes de aprender a escrever, ela se auxilia dos desenhos. Ou seja, é como se os desenhos falassem, chegando mesmo a ser um conjunto de escrituras ou até mesmo uma caligrafia, pois, durante a criação do desenho, a criança vai adquirindo experiências importantes para o seu desenvolvimento emocional, intelectual, físico, perceptual, social, estético e criador.

Neste contexto, é importante que os professores valorizem a arte das crianças, pois o desenho se constitui como um elemento articulador da prática pedagógica, para que o professor possa compreender como elas vão se desenvolvendo nesta fase tão importante que é a Educação Infantil, além disso, o professor deve conhecer e compreender as etapas de evolução do desenho, para que não haja erros na avaliação das garatujas e dos rabiscos, desta forma o educador poderá entender a criança no sentido mais humano da sua alma e de suas potencialidades, criando um ambiente de compreensão e amizade nas instituições entre educador e educando, procurando não atropelar a espontaneidade natural da criança. Se o professor souber proporcionar este ambiente de confiança, ajudando-a a superar obstáculos e a conservar o entusiasmo e iniciativa, estará impulsionando-a a livre expressão.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDROFF, M. C. **Construção Psicopedagógica: Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita**. São Paulo, n. 17, vol. 18. 2010.
- AMORIM, A.P.O & CLARO, A.L.A. **A contribuição do desenho no desenvolvimento da criança na educação infantil: uma análise teórica**. XIII Congresso Nacional de Educação – EDUCARE. Curitiba Paraná, 2017.
- BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009: **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/CNE, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Introdução. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITAIN, W. & LOWENFELD, V.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. 1. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- Campos, I.I.F. **A motivação no processo educativo: relação entre os interesses e a aprendizagem das crianças**. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Portugal, 2016.
- Colaço, H.S.D.C. **A criatividade na educação pré-escolar como forma de expressão e comunicação**. (Dissertação de mestrado). Universidade do Algarve-Escola Superior de Educação e Comunicação, Portugal, 2003.
- COX, M. **Desenho da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.
- FERREIRA, L.D. **A importância do desenho na alfabetização de crianças**. V Encontro Científico e Simpósio de Educação Unisalesiano, Bauru, 2015.
- FLEURY, M.T.L & WERLANG, S.R.C. **Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens**, Revista FGV Pesquisa, Anuário de pesquisa 2016, disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/apgvpesquisa/article/view/72796>>. Acesso em 07 out. 2017.
- Gil, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre, Artmed, 2004.
- IAVELBERG, R. **O desenho cultivado da criança**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- KOLLER, S.H, COUTO M.C.P, HOHENDORFF, J.V. **Manual de produção científica**. Porto Alegre, Penso, 2014.
- LOPES, J. C. **O desenvolvimento histórico do processo do estudo do desenho da criança**. Monografia de Pós-Graduação. Universidade de Franca, São Paulo, 2001.

- LOWENFELD, V. & BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** (3ª edição). São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- LUQUET, G.H. O desenho infantil. 12 ed, São Paulo: Cultrix, 2017.
- LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2003.
- MÈREDIEU, F. **O desenho infantil.** São Paulo, Cultrix, 2006.
- MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador.** São Paulo: Loyola, 1984.
- PEREIRA, A.C. **A importância do desenho infantil para o desenvolvimento das crianças em jardim de infância.** Dissertação de Mestrado em Educação Pré-escolar, Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2016.
- PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PILLAR, A. D. **Desenho e escrita como sistemas de representação.** Porto Alegre: Penso, 2012.
- ROSEMBERG, F. **Expansão da Educação Infantil e processo de exclusão.** Caderno de Pesquisa, São Paulo, v. 1, n. 107, p. 7-40, jul. 1999.
- SALVADOR, A. **Conhecer a criança através do desenho.** Porto: Porto Editora, 1988.
- SOUSA, A. B. **Educação pela Arte e Artes na Educação.** 3º Volume – Música e Artes Plásticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- SOUZA, A. P. B. **Evolução do Grafismo na educação Infantil.** Pós Graduação – Universidade Candido Mendes Instituto a Vez do Mestre, Rio de Janeiro, 2010.
- VIGOTSKI, L S. **Imaginação e criatividade na infância** São Paulo: Ática, 2018.